

UNIDADE 3

INTERDISCIPLINARIDADE NA ANÁLISE DA INFORMAÇÃO



O desenvolvimento das sociedades tem proporcionado a ampliação e o aprofundamento dos diferentes tipos de conhecimento – mítico, teológico, filosófico, científico, técnico, estético, entre outros –, que resultaram no aumento dos diversos estoques de documentos cuja disponibilização depende de infraestruturas planejadas.

Atualmente a análise da informação é realizada em busca do estabelecimento de redes de representação dos conteúdos informacionais, que visam a construir representações inteligíveis do conhecimento e estabelecer relações possíveis entre estratos de informações que compõem os sistemas de recuperação da informação. O conhecimento interessa à Biblioteconomia e às áreas afins, principalmente, no seu caráter representacional, na medida em que é a partir do conjunto de representações que se estruturam e se organizam os diversos sistemas de recuperação da informação, tais como bibliotecas, centros de documentação e centros de informação.

A análise da informação se localiza no campo de estudo da memória documentária, que, segundo *Dodebei* (2002), tem como fundamentos específicos a teoria da classificação, a teoria do conceito e a teoria da comunicação. Com efeito, percebe-se que se trata de um campo que se dedica ao estudo de objetos complexos e, por conseguinte, tem como referências as práticas interdisciplinares. Nesse sentido, a presente unidade tem como objetivo discutir os principais elementos que subsidiam os processos de análise e representação da informação, no domínio interdisciplinar da Linguística, Terminologia, Lógica e Diplomática.

A interdisciplinaridade faz parte de uma rede conceitual de integração disciplinar, composta também pela pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade. Cada uma dessas expressões designa um nível de inter-relação existente entre duas ou mais disciplinas (áreas de conhecimento), na abordagem de algum tema/problema de estudo. Aqui interessa saber que a interdisciplinaridade corresponde à colaboração entre duas ou mais disciplinas, que se caracteriza pelo compartilhamento mútuo de teorias, métodos e técnicas (SOUZA, 2015).

A análise da informação, conforme visto anteriormente, é uma atividade complexa que envia esforços práticos e, sobretudo, intelectuais. O aprimoramento dessa área de estudo vem se ampliando e exigindo cada vez mais a atuação colaborativa entre profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Ela busca aportes teóricos em várias áreas, dentre as quais se podem destacar Ciência Cognitiva, Comunicação, Diplomática, Inteligência Artificial, Linguística, Lógica, Matemática e Terminologia.

A aproximação da análise da informação com diferentes áreas se deve, em grande medida, às diferentes formas de análise do texto que vêm sendo realizadas no interior de diferentes disciplinas. Nesse conjunto, *Cunha* (1987) destaca a análise de conteúdo, a análise literária, a análise semiótica e a análise linguística. Todas elas apresentam pontos de proximidade com a análise da informação, na medida em que têm finalidades idênticas, a saber, diferentes formas de expressar o conteúdo dos documentos.



Você sabia?

A transdisciplinaridade corresponde à aproximação de diferentes disciplinas e áreas do conhecimento visando ao compartilhamento de metodologias unificadoras e à articulação de métodos dessas áreas. Trata-se da produção de uma unidade do saber, na medida em que não existem fronteiras disciplinares. Na história da humanidade, não há um exemplo consolidado de transdisciplinaridade. A maior aproximação a esse empreendimento se deu na famosa *Escola de Sagres*, que reuniu astrônomos, cartógrafos, carpinteiros, engenheiros e matemáticos para a construção da caravela usada nas grandes navegações, movimento que resultou na descoberta das Américas e do Brasil. A *Escola de Sagres*, contudo, nunca existiu efetivamente, pois não havia prédio, estatuto, professores e nem mesmo alunos. A escola circulava entre a corte do rei de Portugal *D. Manuel (O venturoso)* e o cais do porto.

Fonte: DOMINGUES, I. (Org.). **Conhecimento e transdisciplinaridade II:** aspectos metodológicos. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

Além disso, a interdisciplinaridade no domínio da análise da informação resulta, nas palavras de *Campos* (2001), da grande escassez de estudos teórico-metodológicos nas áreas de representação e recuperação da informação no Brasil. Essa situação evidencia a necessidade de estudos na área de Biblioteconomia e Documentação, mas também o aprofundamento de estudos já realizados em outras áreas do conhecimento, que permitam, a um só tempo, avançar na compreensão e no desenvolvimento de práticas de análise da informação e contribuir com outras áreas.

3.1 CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA E DA TERMINOLOGIA

A análise da informação foi realizada por muito tempo nos sistemas de recuperação da informação de modo intuitivo e empírico-pragmático, isto é, os processos de interpretação, seleção e síntese dos conteúdos informativos dos diversos documentos que compunham os acervos das bibliotecas dependeram da capacidade intuitiva e da experiência dos bibliotecários analistas. Porém, com a exigência dos modernos sistemas de informação, principalmente daqueles que ingressaram no processo de tratamento automático da informação, esses profissionais se viram obrigados a recorrer a diferentes procedimentos de análise de conteúdo já desenvolvidos em diferentes áreas do conhecimento.

A **Linguística** é um campo que se dedica ao estudo da língua natural e pode contribuir com a Biblioteconomia, a Documentação e, mais recentemente, a Ciência da Informação no domínio da análise e da síntese dos conteúdos informacionais e na elaboração de linguagens documentárias. Nesse sentido, *Smit* (1987) defende que a inter-relação entre análise da informação e Linguística se dá tanto no fornecimento de insumos básicos por parte desta àquela, quanto na validação de teorias da Linguística por meio de procedimentos realizados no domínio da análise documentária. Essa autora reconhece que a colaboração ainda não se faz de forma satis-

fatória porque, por um lado, as pesquisas linguísticas centram no espaço da sintaxe, consideradas insuficientes para a análise da informação, e, por outro, essa prática tem sido muito fundamentada na figura do analista com todas as suas idiosincrasias.

Na Linguística, uma das disciplinas que mais interessa é justamente a semântica, na medida em que trabalha com o processo de significação. Assim, embora *Cunha* (1987) reconheça que esta área contribua com a análise documentária no fornecimento de procedimentos analíticos e na elaboração de instrumentos auxiliares e de produtos, compreende que não existem efetivas construções interdisciplinares entre a Documentação e a Linguística. O fato é que a primeira utiliza diversos conhecimentos originários da segunda como subsídio teórico para sua prática analítica, mas parece não oferecer efetivas contribuições à área, que resultaria no trabalho colaborativo, próprio de empreendimentos interdisciplinares.

Não se pode perder de vista, contudo, que os aportes teóricos da Linguística são fundamentais para compreensão das estruturas das diferentes linguagens, que se constituem a partir de diferentes relações paradigmáticas e sintagmáticas. Com efeito, “[...] o reconhecimento das relações paradigmáticas e sintagmáticas leva não só à formulação de campos semânticos dos textos analisados como à estruturação e elaboração de linguagens tradutoras, permitindo a passagem de uma LN-LD” (CUNHA, 1987, p. 45).

Basta destacar que a diferenciação realizada por *Saussure* entre linguagem (capacidade humana de expressão e comunicação), língua (conjunto de códigos e regras) e fala (forma individual de comunicação) fornece à análise documentária embasamentos para a compreensão das diferenças entre linguagem natural e linguagem documentária. Porém, como campos de aplicação específicos da Linguística nos processos de análise e síntese da informação, podem ser destacados, entre outros, o **estruturalismo** de *Ferdinand de Saussure* (1857-1913), o **transformacionalismo** de *Avram Noam Chomsky* (1928-) e o **distribucionalismo** de *Zellig Sabbettai Harris* (1909-1992).

Conforme *Cunha* (1987), o desdobramento das propostas estruturalistas focaram no estudo de unidades mínimas da língua, isto é, em enunciados fora dos seus respectivos contextos de enunciação, que resultaram em descrições e taxonomias de conceitos operatórios com base em estruturas elementares.

Essa prática é bastante utilizada na elaboração de linguagens documentárias mais estruturadas, como as listas de cabeçalhos de assunto, que buscam, conforme abordado anteriormente, a definição de unidades de conhecimento e o estabelecimento de relações entre essas unidades, objetivando os controles semânticos e sintáticos.

O gerativismo transformacional tem como fundamentos as propriedades matemáticas das linguagens formais, na medida em que defendia a tese de que a gramática era necessariamente finita, mas tinha o papel fundamental de gerar um número infinito de frases. Nas palavras de *Cunha* (1987, p. 47), “dá-se, portanto, uma inversão em relação à proposta da gramática estrutural. Em lugar de uma análise, propõe-se uma síntese, manipulam-se sistemas de regras e não um sistema de elementos”.



Hans Peter Luhn

Nasceu no dia 1º de julho de 1896, na cidade de Barmen, na Alemanha, e faleceu, aos 68 anos, no dia 19 de agosto de 1964, nos Estados Unidos da América. Após ter concluído o ensino secundário, mudou-se para Suíça para aprender o ofício de impressão e trabalhar no negócio da família. Porém, após a Segunda Guerra Mundial, Luhn mudou-se para os EUA. Formado em Ciência da Computação, trabalhou na IBM, onde desenvolveu o denominado *algoritmo* Luhn e o índice **Key Words in Context** (KWIC), ingressando no campo da Ciência da Informação. Essa é uma das suas principais contribuições para a área de tratamento e recuperação da informação. Além destes relevantes trabalhos para a área de automação em sistemas de recuperação da informação, *Luhn* foi premiado com mais de 80 patentes. Foi presidente do **American Documentation Institute (ADI) / Association for Information Science and Technology (ASIS&T)**, em 1964, e recebeu prêmio de mérito desta instituição, no ano de 1974.

Fonte: LUHN, H. P. (1896-1964). **ASIS&T**: Association for Information Science and Technology, 2016. Disponível em: <<https://www.asist.org/pioneers/hans-peter-luhn/>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

Nesse conjunto, um exemplo clássico da aplicação da Linguística na representação da informação foi o uso da inter-relação entre a Documentação e a Linguística distribucionalista de *Harris* realizada, desde os anos 1950, por *Hans Peter Luhn* (1896-1964) no desenvolvimento dos índices KWIC e KWOC. Vê-se que os estudos da Linguística tornaram-se fundamentais para a análise e síntese automáticas da informação.

O estudo do significado contribui para a pesquisa em processamento automático de texto. Com a evolução dessa automatização de textos, feita principalmente com a linguagem natural, é que foram iniciadas as pesquisas interdisciplinares, pois a utilização dessa linguagem traz sempre muita ambiguidade e inconsistência. A contribuição da linguística tem sido mais observada e desenvolvida, portanto, principalmente nos estudos da indexação automática. (DIAS; NAVES, 2007, p. 82).

Mais recentemente, estudos linguísticos e bibliométricos, acerca da função de índice temático da nominalização deverbal na escrita científica, desenvolvidos por *Guedes* (2010), *Guedes, Mollica e Leal* (2011), *Guedes e Santos* (2013), entre outros, vêm intensificando a importância de abordagens teóricas e metodológicas das Ciências do Texto, especificamente da Morfologia, da Teoria de Gêneros Discursivos (BAZERMAN, 2005; HYLAND, 2009; SWALES, 1986 etc.), do Modelo de Frequência de Uso e de Tipo (BYBEE, 2007) e da Teoria Lexical (BASÍLIO, 1980), no contexto da Sociolinguística, para a identificação do conteúdo informativo de artigos científicos na Ciência da Informação. Nesse sentido, *Hjørland* (2002) aponta esses tipos de estudos linguísticos como abordagens relevantes para a análise de domínio na Ciência da Informação.

O estudo da *Terminologia* também se mostra indispensável ao domínio interdisciplinar da análise da informação, uma vez que o processo comunicacional que envolve os sistemas de informação e os seus respectivos usuários tem por base os diversos elementos que constituem as diferentes linguagens.

As pesquisas que abordam a terminologia permitem, além de compreender como se constituem e se relacionam os conceitos no domínio amplo da linguagem, entender como estes se inter-relacionam na produção e na comunicação científica. Essa questão toca de perto o campo da

representação da informação porque está diretamente relacionada ao estabelecimento de um domínio que aproxima áreas específicas e, de forma mais precisa, à elaboração de linguagens documentárias nelas usadas.

No espaço informacional verifica-se a necessidade de criação de instrumentos que possibilitem a comunicação, não mais entre os pares, mas entre os usuários de um sistema de informação e o próprio sistema, que seria o espaço do tesouro e da tabela de classificação. Porém, estes instrumentos, para serem criados, necessitam de uma estrutura terminológica que será buscada em um sistema terminológico (CAMPOS, 2001, p. 18).

A grande contribuição da Teoria Geral da Terminologia (TGT) para a análise da informação concerne aos fundamentos teórico-metodológicos acerca da constituição de sistemas de conceitos, que têm como objetivo último estabelecer um conjunto de conceitos representativos de uma área de conhecimento e as relações entre estes. Ao trabalhar com a noção de sistema, a definição de um conceito é realizada necessariamente a partir da relação que cada um deles estabelece com os demais. Há, a rigor, uma construção conceitual pautada no princípio da reciprocidade. Assim, a Terminologia tem natureza prescritiva, que é fundamental na elaboração e no uso das linguagens documentárias.

Ao procurar diferenciar Lexicologia e Terminologia, *Campos* (2001) esclarece que a primeira se instala no domínio da língua natural e, por conseguinte, trabalha com o universo caracterizado pela dispersão semântica e sintática. A segunda, por sua vez, atua no domínio da linguagem artificial, que busca construir, no espaço de um grupo de especialistas, a relação unívoca entre o conceito e a denominação.

Esta é uma questão que mostra claramente a relação da Terminologia com a evolução das linguagens documentárias, que representou um deslocamento da centralidade existente no “assunto”, como unidade de conhecimento, para o “termo”, como unidade de comunicação. Com efeito, “na TGT, o termo é a unidade de comunicação que representa o conceito e pode ser constituído de uma ou mais palavras, uma letra, um símbolo gráfico, uma abreviação, uma notação” (CAMPOS, 2001, p. 73).

Conforme apresentado anteriormente, as linguagens pré-coordenadas, consideradas tradicionais, usam assuntos simples, compostos e complexos para representar os conteúdos informativos dos documentos. Os assuntos são tomados, portanto, como unidades de conhecimento e se caracterizam essencialmente pela prescrição, pela enumeração e pela unidimensionalidade próprias dos sistemas pré-coordenados.

As linguagens pós-coordenadas passam a usar “termos”, que, determinados a partir de um sistema conceitual, designam um conceito. Este, portanto, corresponde ao significado do termo. *Campos* (2001, p. 71) esclarece que, “para a TGT, conceito é uma unidade de pensamento, constituído de características que refletem as propriedades significativas atribuídas a um objeto, ou a uma classe de objetos.”

A integração de três teorias – Teoria da Classificação, Teoria Geral da Terminologia e Teoria do Conceito – traz grandes contribuições a este domínio interdisciplinar da análise da informação, na medida em que possibilita a leitura, a interpretação, a seleção e a síntese dos principais



conceitos que compõem os conteúdos dos documentos, em um contexto amplo e complexo de definição de categorias, relações e domínios.

3.2 CONTRIBUIÇÕES DA LÓGICA

A **lógica** é um ramo da filosofia que estuda as formas de pensamento e as diferentes operações intelectuais que envolvem o raciocínio e a argumentação, tais como dedução, hipótese, indução e inferência, entre outras. As operações lógicas são realizadas como método dedicado a estabelecer as diferentes relações entre duas ou mais proposições.

Conforme *Dias e Naves* (2007), dois tipos de operações lógicas são usadas na análise textual: o **raciocínio dedutivo** (silogismo aristotélico) e o **raciocínio indutivo** (inferência probalística). A **dedução** é um **método não ampliativo** a partir da relação entre duas premissas verdadeiras, obtém-se necessariamente uma conclusão verdadeira – “todo A é B” e “C é A”, então “C é B”. A dificuldade neste tipo de raciocínio analítico se encontra no fato de existir algumas deduções cujas premissas maiores são condicionais (“Se A é B”) e não partem necessariamente de premissas gerais, como acontece nos *modus tollens* e *ponens*. Além disso, é preciso considerar a possibilidade de uma das premissas não ser verdadeira.

De base estatística, a **indução**, ao contrário do raciocínio anterior, é um **método ampliativo**, que parte de casos particulares e alcança uma verdade geral – de uma amostra de “A”, em que 80% estão grafados na fonte “N”, conclui-se que todos os “A” estão grafados na fonte “N”. A dificuldade no uso deste método analítico é que a validade dos resultados depende da representatividade da amostra utilizada na construção do raciocínio e se caracteriza como uma probabilidade, na medida em que o método estatístico é a base de sua sustentação.

Observa-se, pois, que os procedimentos lógicos são fundamentos importantes para a realização de processos interpretativos e seletivos, que compreendem a base da análise da informação. Essa área de conhecimento passou a ser usada como aporte teórico-metodológico nos processos de análise e síntese da informação, desde o momento em que se percebeu que os problemas da análise documentária não se restringiam aos aspectos semânticos e sintáticos, mas incluíam também o texto em sua estrutura e dinâmica.

Há, nas palavras de *Smit* (1987), uma ampliação da abordagem que ultrapassa o universo frásico inicial e alcança a lógica interna do texto, que é igualmente relevante para a análise. Observe que, nessa mudança de perspectiva analítica, foram ultrapassadas algumas barreiras:

- a) a estrutura frásica não é necessariamente uma unidade relevante de informação, uma vez que uma informação relevante pode estar presente em palavra, frase, período, parágrafo ou no próprio texto;
- b) nos casos em que a unidade de análise passa a ser o próprio texto, o seu gerenciamento está condicionado ao domínio da sua estru-

tura interna, requerendo, portanto, do analista a valorização das relações lógico-semânticas, presentes em todo o texto e

- c) ao centrar as operações analíticas de um documento no próprio texto, ele deixa de ser um espaço neutro, na medida em que se passam a considerar as condições de produção e de uso do texto. Com efeito, o texto deixa de ser um elemento isolado e fechado, e passa a ser um espaço de circulação de informações, que, por sua natureza, são carregadas de acréscimos realizados pelos diversos atores envolvidos no processo de produção, ou seja, os autores, o analista da informação e os usuários.

Em meio a esse conjunto de mudanças, duas questões sobressaem. Primeiro, o texto que compõe os diversos documentos não é neutro ou fechado em si mesmo e, portanto, não está condicionado a uma leitura única e absoluta. Segundo, assim como autor e usuário, o analista da informação tem um papel ativo nos processos de interpretação e seleção de conceitos.

A lógica, em última instância, se apresenta como importante instrumento para o analista da informação porque, além de auxiliar no desenvolvimento do raciocínio lógico, com o estabelecimento de premissas e inferências, fundamenta a interpretação e a construção de uma rede de relações entre os diferentes conceitos que compõem o conteúdo informacional dos documentos.

Na condição de analista da informação, você deve considerar que “[...] a análise documentária passa a ser uma modalidade de leitura do texto que leva em conta, além do próprio texto, as condições de produção e consumo” (SMIT, 1987, p. 9). E o que efetivamente isso significa?

Do ponto de vista prático, pelo menos duas situações em que o uso da lógica é fundamental na análise e síntese da informação. Primeiro, as informações dos elementos objetos da leitura documentária são incompletas ou imprecisas. Segundo, o que é mais grave, o próprio conteúdo informacional se mostra bastante incompleto e/ou impreciso, exigindo maior esforço por parte do analista na interpretação e definição do domínio conceitual do documento. Em outros termos, com o uso da lógica, o analista é obrigado a correlacionar, nas palavras de *Cunha* (1989), o **catálogo de conhecimentos** e o **catálogo de raciocínios**, na interpretação e na seleção de conteúdos informativos.

Quadro 6 – Categorias de análise lógica

Categoria analítica	Descrição
Agente	Sujeito que pratica a ação
Paciente	Sujeito que sofre a ação
Objeto	Motivo da ação
Instrumento	Os meios concretos que possibilitam a ação
Modo	Forma como se pratica a ação
Espaço	Lugar onde a ação foi praticada
Tempo	Momento em que a ação foi praticada
Produto	Resultado da ação
Finalidade	Intenção do sujeito na prática da ação

Fonte: Adaptado de CUNHA (1989).



Cabe, então, considerar a definição de categorias analíticas e, complementarmente, a descrição e o estabelecimento de relações, como exemplificado no Quadro 6, que auxiliam o analista no desenvolvimento de raciocínios lógicos e de juízos acerca dos conteúdos informacionais.

3.3 CONTRIBUIÇÕES DA DIPLOMÁTICA

A origem da **Diplomática** está relacionada à determinação da autenticidade dos documentos e remonta ao período medieval, mas as primeiras tentativas de sistematização dos estudos do **diploma** ocorreram já no século XVII, com a publicação da primeira edição da obra *De re diplomatica libri sex*, em 1681, de *Jean Mabillon*, conhecido como *Dom Mabillon*. Esta obra se apresenta como um tratado de Diplomática em que foram delimitados seu objeto de estudo e seu campo de atuação, centrados no documento administrativo-jurídico, que, em síntese, se caracteriza pela sua forma solene de produção.

O tipo de documento a ser considerado, portanto, objeto de estudo da Diplomática clássica, dependerá de seus objetivos, diante da estrutura construída por meio de fórmulas solenes de validação no sistema social-jurídico-acadêmico à época. Portanto, para que um documento possa ser objeto de estudo da Diplomática clássica, é preciso analisar seu objetivo de prova ou testemunho no contexto funcional e/ou da administração pública ou privada (NASCIMENTO, 2009, p. 112).

Há na delimitação do objeto de estudo da Diplomática clássica a preocupação com a precisão da natureza do documento diplomático, que se caracteriza pelas condições de sua escritura, pela natureza jurídico-administrativa do fato comunicado e pela forma adotada na compilação do documento.

Considerando esse entendimento, apenas uma parcela de documentos é de interesse para a análise diplomática. Porém, contemporaneamente, alguns estudiosos vêm fazendo um exercício que visa ao melhor esclarecimento e à ampliação da noção de documento diplomático, embora permanecendo como centralidades de análises a estrutura formal e a autenticidade dos documentos.

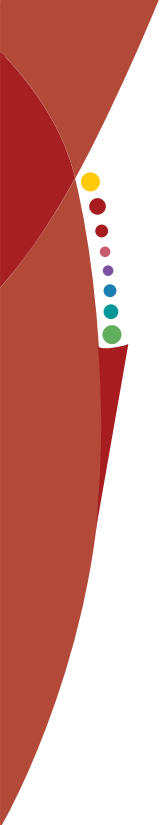
A Diplomática é, pois, outro campo científico que mantém proximidades conceituais e procedimentais com a análise da informação, na medida em que ambas se dedicam, em maior ou menor medida, à identificação e análise da estrutura e dos conteúdos informativos dos documentos. Neste contexto, *Nascimento* (2009) aponta as bases que as aproximam, de um lado, as **formas diplomáticas** e a **superestrutura do texto** (tipologia textual) e, de outro, o **conteúdo diplomático** e as **macroestruturas do texto** (conteúdo informacional).

Quadro 7 – Estrutura de análise diplomática de um livro

Categories	Elementos	Enunciados conceituais
Elementos Externos	Suporte	Tipo de papel
		Impressão
		Cor
	Escritura	Sumário
		Parágrafo
		Índice
		Gráficos
		Listas
	Linguagem	Dissertativo-argumentativa
		Manual de estudo
		Texto prático
	Selos e anotações	Código de barra
		<i>International Standard Book Number (ISBN)</i>
		Logomarca
Tiragem		
Elementos internos	Protocolo inicial	Titulação
		Destinatário
		Agradecimento
		Dedicatória
	Textos e subseções	Preâmbulo
		Anúncio da obra
		Exposição dos motivos
		Assunto tratado
		Direitos autorais
	Escatocolo	Editora
		Local de publicação
		Data de publicação
		Citações de outras fontes
		Referências às fontes

Fonte: Adaptado de NASCIMENTO (2009).

Tomando como referência a diversidade que caracteriza o universo dos documentos, tanto da superestrutura quanto das macroestruturas, é compreensível que em determinadas circunstâncias os procedimentos adotados nas análises diplomáticas se tornem, mais ou menos, adequadamente aplicáveis ao domínio da análise da informação. Esta é uma constatação que pode ser feita a partir do exercício analítico realizado por Nascimento (2009), que teve como base material os livros *Senso crítico: do dia-a-dia às Ciências Humanas* (CARRAHER, D. W., 1993) e *A fome*



de ler (BARKER, R. E. ; ESCARPIT, R., 1975). A autora analisou o primeiro documento, considerando os elementos externos e internos, conforme ilustrado no Quadro 7.

A partir do estudo de *Nascimento* (2009), algumas considerações podem ser realizadas. Primeiro, cada documento exige uma análise circunstanciada. Segundo, a estrutura analítica adotada pode ser adaptada de forma relativamente fácil à análise e síntese do conteúdo informacional de qualquer documento. Terceiro, os enunciados conceituais dos elementos internos são os mais importantes para a análise da informação, em função de sua materialidade (conteúdo) e formalidade (arranjo). Por fim, quarto, os enunciados conceituais externos têm papel imprescindível na compreensão do domínio conceitual e da garantia literária, elementos importantes na aproximação necessária entre documento e usuário.

Há na literatura uma diversidade de aplicações do método diplomático na análise de informação, em diferentes documentos, tais como atas de reunião, documentos eletrônicos, manuais técnicos, plantas baixas, receitas culinárias e rótulos de xampu, entre outras. As experiências já realizadas demonstram que a tipologia documental tem relação direta com a modalidade de texto, que evidencia uma forma de expressão, mas mantém também similaridades com alguns elementos da macroestrutura.

Em que pesem as particularidades daquela área de conhecimento no que se refere à preocupação com as funções administrativas e jurídico-comprobatórias dos documentos, os conceitos e os procedimentos nela desenvolvidos são importantes fundamentos e instrumentos para análise da informação. Embora tenha uma tradição como ciência auxiliar nos domínios da História e, mais tardiamente, da Arquivística, a Diplomática se apresenta atualmente como importante área de estudos e práticas colaborativas para a Biblioteconomia e a Documentação, principalmente no domínio da análise das macroestruturas dos conteúdos informativos que compõem os documentos. Esse conjunto de procedimentos tem como fundamento o **método diplomático**, que tem como objetivo a interpretação e a representação do conteúdo dos documentos em diferentes contextos.

Há uma aproximação entre a Diplomática e a Documentação, constituindo um domínio pluridisciplinar de interesse comum da Arquivologia e da Biblioteconomia. Desse modo, considera-se, a partir de *Guimarães e Rabello* (2007, p. 144), que “[...] a Diplomática pode estabelecer uma profícua relação interdisciplinar na aplicação de seu método para a análise e identificação do conteúdo temático do documento em ambiências distintas (biblioteca e arquivos)”.

O método diplomático desempenha importante função na definição de estratégias metacognitivas de leitura e interpretação dos conteúdos informativos dos documentos, na medida em que define estruturas físicas e previsíveis de documentos como espaço de articulação entre forma e conteúdo. Mais que isso, a Diplomática amplia a noção de pragmática nos processos de análise e síntese dos conteúdos informacionais, ao estabelecer um nexos entre os diversos tipos de documentos e os seus respectivos usos. O fato é que, do ponto de vista prático, a Diplomática centra suas análises na tipologia documental e nas instituições que expediram os documentos analisados.

Os procedimentos da Diplomática se destacam por suas características descritivas e pelas diferentes possibilidades de aplicação, considerando a

preocupação em dar cobertura às particularidades estrutural e funcional dos diversos tipos de documentos. Nesse sentido, a análise diplomática centra basicamente em três domínios, a saber, na tipologia documental, na procedência dos documentos e nos elementos extrínsecos e intrínsecos.

O estilo do texto, que compreende as construções semânticas e sintáticas dos diversos documentos, constitui-se em importante elemento de análise e síntese dos conteúdos informativos, na medida em que define o domínio conceitual e reflete o contexto em que foi produzido.

Em que pese o fato de não existir, na literatura técnico-científica, construções teórico-metodológicas suficientes que demonstrem relações interdisciplinares entre análise documentária e análise diplomática, a ampliação e o aprofundamento dos estudos informacionais evidenciam as diversas possibilidades de compartilhamento e colaboração entre estas duas subáreas, notadamente na adoção de procedimentos sistemáticos de interpretação e seleção dos elementos que exprimem os conteúdos informativos dos documentos, que apontam para a integração de saberes neste domínio de estudo.

RESUMO

A análise da informação objetiva a construção de informações documentárias que possibilitam o tratamento, a organização e a recuperação dos conteúdos informativos dos documentos. Os estudos sobre análise e síntese têm como base uma rede teórico-conceitual que requer a adoção de práticas colaborativas a partir de relações interdisciplinares entre a Biblioteconomia, a Documentação e a Ciência da Informação e diferentes áreas do conhecimento, tais como Linguística, Terminologia, Lógica e Diplomática, entre outras. A rigor, observa-se que as relações interdisciplinares se atêm à recorrência a essas áreas do conhecimento, sem evidentes interações recíprocas. A **Linguística** é dedicada ao estudo da língua natural e contribui com os estudos sobre análise e síntese dos conteúdos e com a elaboração de linguagens documentárias. Nessa área, especificamente os estudos semânticos são fundamentais para a compreensão das diferentes estruturas de linguagens por meio de relações paradigmáticas e sintagmáticas. A **Terminologia**, complementarmente, é indispensável à compreensão da comunicação presente nos sistemas de recuperação da informação, na medida em que ela possibilita o entendimento de como os conceitos se constituem e se interrelacionam no domínio da linguagem, na definição de campo semântico e na produção e comunicação científica, bem como na construção de sistemas de conceitos, fundamentais à elaboração e ao uso de linguagens documentárias. A **Lógica**, por sua vez, estuda as formas de pensamento e as operações intelectuais que envolvem raciocínio e argumentação. No domínio da análise da informação, as operações lógicas são bastante relevantes porque fundamentam os processos interpretativos e seletivos, que possibilitam o alcance da dinâmica interna dos conteúdos informativos dos documentos. Trata-se de importantes contribuições para a análise e síntese da informação porque auxilia no raciocínio lógico, com o estabelecimento de premissas e



inferências, na interpretação e na construção de redes de relações entre diferentes conceitos que compõem o campo semântico do sistema de recuperação da informação. E, por fim, a **Diplomática**, que historicamente se dedica à precisão da natureza do documento diplomático, compreende as condições de escritura, a natureza jurídico-administrativa do fato documentado e a forma de compilação do documento. Observamos sua relação com a análise da informação no domínio da identificação e da análise da estrutura e dos conteúdos dos documentos. O método diplomático é, pois, imprescindível na definição de estratégias metacognitivas de leitura e interpretação porque define as estruturas do documento como espaço de articulação entre forma e conteúdo, considerando sua tipologia e seu uso.



3.4 Atividade

1. Explique fundamentadamente a necessidade de conhecimentos e práticas interdisciplinares no processo de análise da informação.

2. Os estudos interdisciplinares entre Biblioteconomia, Documentação e Linguística podem resultar em importantes contribuições para a área de análise da informação. Nesse contexto, é correto afirmar que:
 - a) As pesquisas na Linguística centram na semântica, campo essencial à compreensão e definição da ordem de citação, nos estudos documentários.
 - b) A análise da informação é um domínio dedicado ao fornecimento de insumos básicos para os estudos da Linguística.
 - c) A Linguística fornece contribuições para a análise da informação e para a construção de linguagens documentárias, especialmente no domínio da semântica.
 - d) A Linguística corresponde ao campo de validação das teorias e práticas desenvolvidas na Documentação e na Biblioteconomia.
 - e) A efetiva colaboração entre Biblioteconomia, Documentação e Linguística, no campo da análise da informação, é amplamente reconhecida.

3. A Terminologia é uma área de conhecimento que fornece subsídios importantes aos estudos e às práticas de análise da informação. Analise as assertivas abaixo:
- I. Os estudos terminológicos no domínio da linguagem documentária resultaram no deslocamento da noção de “assunto” para a noção de “termo”.
 - II. O princípio da reciprocidade estabelece a assistemática na definição dos conceitos informacionais.
 - III. A Terminologia é fundamental na compreensão dos conceitos e na definição de domínios e relações conceituais.
 - IV. Os estudos terminológicos no domínio da linguagem documentária resultaram no deslocamento da “unidade de comunicação” para a “unidade de conhecimento”.

Estão corretas:

- a) I e II, apenas.
 - b) I e III, apenas.
 - c) II e III, apenas.
 - d) III e IV, apenas.
 - e) I, II, III e IV.
4. A Lógica é um ramo da Filosofia que tem como objeto de estudo as formas de pensamento e as operações intelectuais. Nesse sentido, pode oferecer importantes contribuições aos estudos de análise da informação. Leia as afirmações abaixo e marque a correta:
- a) O raciocínio dedutivo é um tipo de operação lógica usado na análise textual, que tem como fundamento a estatística e a matemática.
 - b) A indução é um método ampliativo, uma vez que obtém uma conclusão verdadeira a partir de premissas gerais também verdadeiras.
 - c) A dedução é um método restritivo que se operacionaliza a partir de inferências probalísticas.
 - d) A indução é um método ampliativo e probalístico, pois parte de uma amostra e obtém conclusões universais.
 - e) A adoção de operações lógicas, no domínio da análise da informação, impulsionou a exclusão das condições de produto e do uso do texto nos processos analíticos.
5. O método diplomático teve historicamente como objetivo a análise e a determinação da autenticidade dos documentos jurídico-administrativos. A ampliação da Diplomática, contudo, possibilitou a melhor aplicação deste à análise documentária. Leia as assertivas abaixo:
- I. A aplicação do método diplomático na análise da informação está relacionada à ampliação da noção de documento na Diplomática e à manutenção da análise na estrutura formal e na autenticidade dos documentos.
 - II. A linguagem é definida pelo método diplomático como um importante elemento analítico da macroestrutura do texto.
 - III. O texto e as suas respectivas subseções compreendem a superestrutura analítica de um documento.



IV. O assunto tratado e as subseções constituem importantes elementos para análises pautadas nas macroestruturas dos documentos.

Estão corretas:

- a) I e II, apenas.
- b) I e III, apenas.
- c) I e IV, apenas.
- d) I, II, III e IV.
- e) II e III, apenas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação – referências. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**: informação e documentação – resumos. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6034**: informação e documentação – índice. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2004. 4 p.

BASÍLIO, M. M. P. **Estruturas lexicais do português**: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Editora Vozes, 1980. 128 p.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas**: fundamentos, desenvolvimentos e aplicações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 360 p.

BYBEE, J. L. **Frequency of use and the organization of language**. New York: Oxford University Press, 2007.

CAMPOS, M. L. A. **Linguagem documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói, RJ: Ed UFF, 2001. 133 p.

CAMPOS, M. L. A.; GOMES, H. E.; MOTTA, D. F. Elaboração de tesouro documentário: tutorial. **Biblioteconomia, informação & tecnologia da informação** jul. 2004. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/tesouro/>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

CARNEIRO, M. V. Diretrizes para uma política de indexação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 14, n.

2, p. 221-241, set. 1985. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

CESARINO, M. A. Sistema de Recuperação da informação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 157-168, set. 1985. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>>. Acesso em: 26 dez. 2015.

CESARINO, M.; PINTO, M. C. M. F. Cabeçalho de assunto como linguagem de indexação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 268-288, set. 1978. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

CINTRA, A. M. M. Estratégias de leitura em documentação. In: SMIT, J. W. (Coord.). **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987. p. 27-35.

CINTRA, A. M. M. et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. São Paulo: Polis, 2002. 92 p.

CUNHA, I. M. R. F. Análise documentária. In: SMIT, J. W. (Coord.). **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987. p. 38-60.

CUNHA, I. M. R. F. "O falcão maltês": a lógica em análise documentária. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 17, n. 1, p. 51-61, jan./jun. 1989. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci_repositorio/2011/07/pdf_5636de33b8_0017680.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2015.

DEWEY, M. **Dewey Decimal Classification**. Dublin, OH: OCLC, 2003. 4 v.

DIAS, E. J. W.; NAVES, M. M. L. **Análise de assunto: teoria e prática**. Brasília: Thesaurus, 2007. 116 p.

DODEBEI, V. L. D. **Tesouro: linguagens de representação da memória documentária**. Rio de Janeiro: Interciência, 2002. 119 p.

DOMINGUES, I. (Org.). **Conhecimento e transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Catálogo**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html>. Acesso em: 11 nov. 2015.

FUJITA, M. S. L. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. **Data grama zero – revista de Ciência da Informação**, v. 5, n. 4, ago. 2004. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_af744c7a63_0007646.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2018.

GIL LEIVA, I.; FUJITA, M. S. L. (Ed.). **Política de indexação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2012. 260 p. Disponível em: <http://www.culturaacademica.com.br/_img/arquivos/Livro%20Politica-de-indexacao_ebook.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2015.



GROSSE, E. U. **Text und Kommunikation**: eine Linguistische Einführung in die Funktionen der Texte. Stuttgart: Kohlhammer, 1976.

GUEDES, V. L. S. **Nominalizações deverbais em artigos científicos**: uma contribuição para a análise e a indexação temática da informação. Rio de Janeiro, 2010. 109 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/wp-content/uploads/2013/03/vania-lisboa.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

GUEDES, V. L. S.; MOLLICA, M. C. M.; LEAL, M. B. B. Produtividade léxico-morfológica em artigos científicos em língua portuguesa numa perspectiva interdisciplinar. In: CONGRESO Internacional de la Asociación de Linguística y Filología de la América (ALFAL), 16, 2011, Madrid. **Actas...** Madrid: Universidad de Alcalá de Henares, 2011.

GUEDES, V. L. S.; SANTOS, M. J. V. C. Recorrência de nominalizações deverbais em resumos de cartas científicas em língua portuguesa e a indexação temática. **Linguística**, v. 29, n. 1, p. 37-57, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.edu.uy/pdf/ling/v29n1/v29n1a03.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2015

GUIMARÃES, J. A. C.; RABELLO, R. A contribuição metodológica da diplomática para a análise documental de conteúdos em arquivos e bibliotecas. In: RICHTER, E. I. S.; ARAUJO, J. C. G. (Org.). **Paleografia e diplomática no curso de arquivologia UFSM**. Santa Maria, RS: FACOS – UFSM, 2007. p. 137-157.

HANS PETER LUHN. **ASIS&T**: Association for Information Science and Technology, 2016. Disponível em: < <https://www.asist.org/pioneers/hans-peter-luhn/>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

HJØRLAND, B. Domain Analysis in Information Science: Eleven Approaches – Traditional as Well as Innovative. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002.

HYLAND, K. **Academic Discourse**: English in a Global Context. New York: Continuum International Publishing Group, 2009. 215 p.

KATO, M. Uma visão interativa da legibilidade. **Ilha do Desterro**: a Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies, Florianópolis, v. 13, p. 57-66, 1985. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/10533/10052>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumo**: teoria e prática. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2004. 452 p.

LANGRIDGE, D. **Classificação**: abordagem para estudantes de Biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 2006. 120 p.

MAC DEVELOPER LIBRARY. **Searchkit Programming Guide**. 2005. Disponível em: <<https://developer.apple.com/library/mac/documentation/UserExperience/Conceptual/SearchKitConcepts/>>

searchKit_intro/searchKit_intro.html#/apple_ref/doc/uid/TP40002842-TPXREF101>. Acesso em: 11 nov. 2015.

MODESTO, F. **Metadados**: introdução básica. São Paulo: Versão, 2005. (Apostila de aula da disciplina de Representação Descritiva II). Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/prof/fmodesto/disc/RDII/texto/metadado2005f.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2015.

NASCIMENTO, L. M. B. **Análise documental e análise diplomática**: perspectivas de interlocução de procedimentos. Marília, SP. 198 f. (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/nascimento_lmb_do_mar.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2015.

OTLET, P. **Traité de Documentation**. Le livre sur le livre. Théorie et pratique. Bruxelles: Éditeurs-Imprimeurs D. van Keerberghen & Fils, 1934.

PIEIDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983. 221 p.

PINTO, M. C. M. F. Análise e representação de assuntos em sistemas de recuperação de informação; linguagens de indexação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 169-186, set. 1985. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

RANGANATHAN, S. R. **Prolegomena to Library Classification**. Bombay: Asia Publishing House, 1967. 640 p.

SMIT, J. W. Introdução. In: SMIT, J. W. (Coord.). **Análise documentária**: a análise da síntese. Brasília: IBICT, 1987. p. 5-10.

SOUZA, E. D. A **Ciência da Informação**: fundamentos epistêmico-discursivos do campo científico e do objeto de estudo. Maceió, Alagoas: Edufal, 2015. 222 p.

SOUZA, E. D. **A epistemologia interdisciplinar**: uma introdução à produção colaborativa de conhecimento científico. Maceió: Edufal, 2015. 106 p.

SOUZA, E. D. Configurações do campo da Ciência da Informação: pluralismo epistemológico e descentração interdisciplinar. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 5, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/63/104>>. Acesso em: 15 set. 2015.

SWALES, J. M. Citation analysis and discourse analysis. **Applied Linguistics**, v. 7, n. 1, p. 39-56, 1986.

VERGUEIRO, W. **Seleção de materiais de informação**: princípios e técnicas. 3. ed. Brasília: Brique de Lemos, 2010. 120 p.

WERLICH, E. **Typologie der Texte**. Heilderberg: Quelle und Meyer, 1975.





Faculdade de Administração
e Ciências Contábeis
Departamento
de Biblioteconomia



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85229-60-3



9 788585 229603

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85229-61-0



9 788585 229610